

A TRAGÉDIA *RESO* DE EURÍPIDES

JAA Torrano
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Vayos Liapis, em seu belo livro *A Commentary on the Rhesus Attributed to Euripides*, publicado em 2012 pela Oxford University, resgata do esquecimento o falso problema da autoria ou da autenticidade da tragédia *Reso* de Eurípidés.

Dizemos “a tragédia *Reso* de Eurípidés” porque a tradição nos transmitiu no espólio de Eurípidés o texto desse drama, ou seja, a nossa razão de dizer “a tragédia *Reso* de Eurípidés” é a tradição mesma que nos transmitiu o texto assim intitulado. No entanto, esse falso problema como uma sombra recorrente ressurgiu e se reitera tal como se lê no prefácio e na introdução da obra citada.

A questão da autoria ou da autenticidade da atribuição, a meu ver, é um falso problema, porque constitui uma abordagem do texto sob a ótica de (uma) noção de autoria extemporânea e, portanto, anacrônica e inadequada à apreciação do texto em questão. Surpreende-nos que depois de Michel Foucault mostrar em “Qu’est-ce qu’ un auteur?” a historicidade e as vicissitudes históricas da noção de autoria, grandes helenistas – como M. L. West, que rejeitou a atribuição de *Prometeu* a Ésquilo, e Vayos Liapis, que rejeita a atribuição de *Reso* a Eurípidés, – retomem essa questão da autoria com o irrefletido e implícito pressuposto de irrestrita universalidade de uma particular e específica noção de autoria.

As razões alegadas para a negação da autenticidade da autoria eurípidiana – desta vez com Vayos Liapis como nas anteriores contestações do século passado e anterior – derivam de apreciação estética e em suma dependem do gosto subjetivo de cada um e da inteligência objetiva da obra em questão.

Para negar a autenticidade da atribuição de autoria a Eurípidés, Vayos Liapis enumera o que para ele constitui demonstrações de inabilidade dramaturgica, a saber: a cena de Alexandre e mais cinco “exemplos fulgurantes” (*glaring examples, opus cit.* p. xli), que trataremos noutra vez. O juízo estético que denuncia a imperícia do dramaturgo se baseia em razões de ordem hermenêutica; se revirmos nossa leitura e (in)compreensão do drama, reveremos também nossos juízos estéticos sobre ele.

REFERÊNCIAS

- DIGGLE, J. - *Euripidis Fabulae*. Vol. III, Oxford Classical Texts, 1994.
- FOUCAULT, Michel – “Qu’est-ce qu’un auteur?” *Dit et écrits, 1954-1988* I. Paris, Gallimard, 1994 pp. 789-821.
- GOODWIN, Henry Decker – *Rhesus, a Tragedy of Euripides*. Madison, University of Winscon, 1880.
- LIAPIS, Vayos – *A Commentary on the Rhesus Attributed to Euripides*. Oxford University, 2012.
- KITTO, M. D. F. – “The *Rhesus* and related matters.” in GOULD, T. F. and HERINGTON, C. J. – *Greek Tragedy*. Cambridge University, 1977.
- MURRAY, Gilbert – *The Rhesus of Euripides*. London, George Allen, 1913.
- PORTER, William Holt – *The Rhesus of Euripides*. Cambridge University, 1916.
- RITCHIE, William – *The Authenticity of the Rhesus of Euripides*. Cambridge University, 1964.
- ROLFE, John C. – *The Tragedy Rhesus*. Boston, Ginn, 1899.
- TORRANO, Jaa – “A tragédia *Reso* de Eurípides”. *Philia&Filia*. 2012.

EURÍPIDES

Reso

Tradução de Jaa Torrano
segundo texto de J. Diggle.

As personagens do drama.

Coro de guardas troianos.

Heitor.

Enéias.

Dólon.

Mensageiro.

Reso.

Odisseu.

Diomedes.

Atena.

Alexandre.

Cocheiro.

Musa.

[PRIMEIRO EPISÓDIO (1-223)]

UM CORISTA:

Vai ao leito de Heitor!
Está desperto escudeiro
ou um lanceiro do rei?
Receba nova de falas novas,
que fazem a quarta vigília
noturna da tropa toda! 5

OUTRO CORISTA:

Ergue a cabeça, apóia o cotovelo,
abre a sede gorgônea das pálpebras,
deixa o aconchego da folhagem,
ó Heitor! É a hora de ouvir! 10

HEITOR:

Quem é? Voz amiga? Quem?
Qual é a senha? Diz!
Quem à noite nos vem
ao leito? Convém falar!

CORO:

Guardas da tropa.

HEITOR:

Que te traz 15

ruidoso?

CORO:

Não temas!

HEITOR:

Não temo!

É ronda noturna?

CORO:

Não!

HEITOR:

Por que

deixas a guarda e corres a tropa,
se não há uma reunião noturna?
Não sabes que à noite
diante da lança argiva
repousamos armados? 20

CORO:

Arma teu braço, ó Heitor, EST.

e corre ao leito dos aliados!	
Exorta às armas! Desperta!	25
Envia amigos à tua tropa!	
Põe os freios nos cavalos!	
Quem irá ao filho de Pântoo?	
Ao rei lício filho de Europa?	
Onde os vigias de sacrifícios?	30
Onde os chefes de infantaria?	
Onde os arqueiros frígios?	
Atai às cordas córneos arcos!	
HEITOR:	
Ora dizes algo terrível de ouvir, ora pedes ousadia, sem clareza.	35
Apavoras-te por tremendo açoite de Pã Crônida? Deixas a guarda e corres a tropa. Que dizes? Que nova me anuncias? Muito falante não mostraste nada com clareza.	40
CORO:	
A tropa argiva acende fogo, ó Heitor, por toda a noite, brilha com tochas o porto. Toda a tropa foi à noite à tenda de Agamêmnon, ávidos de fala nova: tal pavor antes não teve a tropa vinda do mar. Por suspeita do porvir, vim mensageiro a ti para que não me digas invectiva.	ANT. 45 50
HEITOR:	
Vens a tempo, anunciante de pavor! Os varões querem fugir desta terra de navio à noite ocultos a meu olho. Os fogos noturnos me fazem aceno. Nume tiraste-me boa sorte leonina da festa, antes de destruir com esta lança de súbito toda a tropa argiva! Se fúlgido sol não se tivesse posto,	55

nem me retido a lança de boa sorte, antes de incendiar navios e com esta mão letal ir às tendas matando aqueus! Eu tinha ânimo de arremessar a lança à noite e usar o feliz favor de Deus, mas vates hábeis e cientes do divino	60
persuadiram-me esperar a luz do dia e então não deixar os aqueus no solo. Mas não esperam os planos de meus vates, a fuga à noite tem mais força. Mas convém rápido anunciar à tropa que cessem o sono e peguem armas, para que quem se precipite ao navio, ferido no dorso, ensanguente degraus, e outros, capturados, presos às rodas, aprendam a lavrar a terra dos frígios.	65 70
CORO: Heitor, instas antes de conhecer o fato. Se fogem os varões, não sabemos claro.	75
HEITOR: Por que a tropa argiva acender fogo?	
CORO: Não sei; é muito suspeito, a meu ver.	
HEITOR: Sabe que te apavoras por esse temor!	80
CORO: Antes inimigos não atearam tanta luz.	
HEITOR: Nem tão feio caíram no recuo da luta.	
CORO: Tu assim fizeste, agora vê o porvir!	
HEITOR: Simples, armar mão contra inimigos.	
CORO: Eis que Eneias está vindo depressa, com um fato novo a dizer aos seus.	85
ENEIAS: Heitor, por que os guardas noturnos da tropa vindos pávidos ao teu leito reúnem-se à noite, e a tropa triscou?	
HEITOR: Eneias, arma-te com as tuas armas!	90

ENEIAS:	
O que há? Anuncia-se ardil secreto	
inimigo perpetrado durante a noite?	
HEITOR:	
Os varões fogem e entram em navio.	
ENEIAS:	
Que dirias indício indubitável disso?	
HEITOR:	
Acendem a noite toda tochas de fogo.	95
Parece-me que não esperam a aurora.	
Com tochas nos navios de bons bancos	
partirão em fuga desta terra para casa.	
ENEIAS:	
Com que intenção armas os braços?	
HEITOR:	
Enquanto fogem e saltam em navios,	100
contê-los-ei com lança e sereí pesado.	
É feio para nós e, além de feio, ruim,	
ao dar-nos Deus, deixar fugir inimigo	
sem luta, se nos fizeram muitas ruínas.	
ENEIAS:	
Fosses judicioso quão eficaz na mão!	105
O mesmo mortal não é nato sabedor	
de tudo; privilégio se dá outro a outro,	
a ti o combate, a outros bom conselho.	
Ouvindo que aqueus acenderam fogo,	110
foste arrebatado e conduzirás a tropa,	
além do fosso, na quietude da noite.	
Se transposto o fundo vão do fosso,	
não topares com inimigos em fuga	
da terra, mas à espera de tua lança,	
vencido, não poderias mais voltar.	115
Transporás estacas ao retirar tropa?	
Como os cocheiros cruzarão pontes	
sem que se quebrem eixos de rodas?	
Vencendo, tens ainda o filho de Peleu,	
que não te permitirá incendiar as naus	120
nem aniquilar aqueus tal qual parece.	
Varão ardente ainda é a torre audaz.	
Mas deixemos dormir a tropa quieta,	
junto a escudos, após fainas de Ares.	
Opino enviar um voluntário espião	125

de inimigos, e se eles vão em fuga, marchemos atacando a tropa argiva; e se os fogos induzem a um ardil, cientes por espia de artes inimigas, deliberaremos; assim opino, ó rei.	130
CORO:	
Assim parece, assim volta e pensa!	[EST.
Não gosto que a estratégia vacile. Mais do que ir veloz vale espiar perto dos navios: por que afinal inimigos	135
no porto acendem fogos perante as proas?	
HEITOR:	
Vences, já que assim agrada a todos. Vai, acalma aliados! Talvez a tropa triscasse por ouvir reunião noturna. Eu enviarei um espião aos inimigos.	140
Se soubermos de um ardil inimigo, ouvirás e presente verás toda a fala; se eles vão em movimento de fuga, espreita e escuta a voz de salpinge, sem que me quede, mas esta noite eu atacarei a tropa argiva no porto.	145
ENEIAS:	
Envia rápido! Agora pensas firme. Contigo me verás resistir se preciso.	
HEITOR:	
Que troiano presente à conversa quer ir espião junto às naus argivas? Quem seria o benfeitor desta terra? Quem diz? Poderei eu não em tudo servir à urbe paterna e aos aliados.	150
DÓLON:	
Eu quero pela terra correr o risco de ir espião junto às naus argivas, e ciente de todos os planos aqueus virei, assim eu assumo esta faina.	155
HEITOR:	
Epônimo por certo, e caro à urbe,	

Dólón; a casa do pai, gloriosa antes,
ora fizeste outra vez mais gloriosa. 160

DÓLON:
Não convém assumir e por assumir
ter digna paga? Acrescentado a tudo,
o lucro além da ação faz graça dupla.

HEITOR:
Sim, justo é isso e diverso não digo.
Propõe a paga, salvo minha realeza. 165

DÓLON:
Não desejamos tua urbífera realeza.

HEITOR:
Desposa uma Priâmida e sê aliado!

DÓLON:
Não quero núpcias maiores que eu.

HEITOR:
Temos ouro, se pedires tal prêmio.

DÓLON:
Há em casa, temos não parca vida. 170

HEITOR:
O que, do que Ílion tem, tu queres?

DÓLON:
Aprova-me dons por pilhar aqueus.

HEITOR:
Darei, pede, salvo os chefes da frota!

DÓLON:
Mata! Não te peço poupe Menelau.

HEITOR:
Não me pedirás ter o filho de Oileu? 175

DÓLON:
Más para lavoura mãos bem criadas.

HEITOR:
Que aqueu queres vivo para resgate?

DÓLON:
Ainda antes disse, há ouro em casa.

HEITOR:
Tu presente escolherás dos espólios.

DÓLON:
Aos Deuses oferece-os nos templos. 180

HEITOR:
Que prêmio ainda maior me pedirás?

DÓLON:

As éguas de Aquiles. Cabe lutar por valores, ao pôr a vida na mão de Nume.	
HEITOR:	
Competes comigo em gosto por éguas.	
Nascidas de imortais, sendo imortais,	185
elas transportam o Pelida impetuoso.	
O senhor domador de potros Posídon marinho as deu a Peleu, ao que dizem.	
Não mentirei a te exaltar, farei o dom mais belo da casa: o carro de Aquiles.	190
DÓLON:	
Aceito. Se o obtiver, direi dos frígios ter o mais belo dom, por bela bravura.	
Não deves negar, tens outras dez mil, com que te praz ser o melhor da terra.	
CORO:	
Grande combate, visas prender grandes,	[ANT.
serás por conseguires venturoso.	196
Gloriosa esta faina, grande aliança com soberanos.	
Justiça coroe dons de Deuses!	
Isto entre varões	200
te parece perfeito.	
DÓLON:	
Eu iria. Ao chegar em casa, no lar, com roupa conveniente me vestirei, e de lá irei a pé aos navios argivos.	
CORO:	
Por que trocarás a veste por outra?	
DÓLON:	
Apta ao ato e aos passos furtivos.	205
CORO:	
Do sábio convém saber algo sábio.	
Diz tu qual será o teu revestimento.	
DÓLON:	
Atarei uma pele de lobo nas costas, e porei as fauces da fera na cabeça, ajustarei os pés dianteiros às mãos,	210

pernas a pernas, imitarei quadrúpede
passo de lobo, indistinto a inimigos,
ao ir à vala e à paliçada dos navios,
mas ao pôr o pé no intervalo ermo,
serei bípede: nisto consiste o ardil. 215

CORO:
Bem te guie para lá e de volta o filho
de Maia, Hermes, o rei dos ladrões!
Tens a tarefa, só pedes por boa sorte.

DÓLON:
Serei preservado, e trarei para ti a cabeça
de Odisseu morto, e com este sinal claro 220
dirás que Dólón foi aos navios argivos,
ou de Diomedes; não sem sangue na mão
estarei em casa, antes de a luz vir à terra.

[PRIMEIRO ESTÁSIMO (224-263)]

CORO:
Apolo timbreu, délio e lício EST. 1
residente no templo, 225
ó divina cabeça, vem
armado de arco, vem à noite,
ó guia da escolta, preserva
o varão, assiste os Dardânidas, 230
ó onipotente, ó construtor
dos priscos muros de Troia!

Vá aos navios, seja ANT. 1
espião da tropa grega, 235
e retorne aos altares
da casa do pai em Ílion.
Vá ante éguas de Ftia,
se rei mata Ares aqueu;
o Nume do mar as dá 240
a Peleu, filho de Éaco.

Pela casa e pela terra ousou só EST. 2
ir e observar o porto, admiro 245
a coragem. Sempre escassez
de bravos há, se não faz sol
no pélagos e se treme a urbe.

Vive um frígio, vive valente, nele vive audácia de guerra; que mísio despreza a minha aliança?	250
O imolador rasteiro imitador quadrúpede de fera na terra ferirá que aqueus nas tendas? Mate Menelau! Mate e leve a cabeça de Agamêmnon a Helena para chorar mau aliado, que contra a urbe, contra a terra troiana veio com a frota de mil navios!	ANT. 2 255 260
[SEGUNDO EPISÓDIO (264-341)]	
MENSAGEIRO: Ó rei, seja eu no porvir para os senhores mensageiro de novas tais quais te porto.	265
HEITOR: Muito canhestro é o siso de camponeses! Pensas ter vindo aos senhores em armas dar notícias do gado, onde não convém. Não conheces minha casa e trono do pai, aonde convém falar da boa sorte do gado?	270
MENSAGEIRO: Somos canhestros pastores, não desdigo. Mas não menos te porto prósperas falas.	
HEITOR: Cessa de falar-me da fortuna dos redis. Batalhas e lanças carregamos nas mãos.	
MENSAGEIRO: Notícias tais também vos venho dizer. Um varão condutor de tropa de dez mil marcha amigo teu e aliado desta terra.	275
HEITOR: Ele tornou ermo o solo de que pátria?	
MENSAGEIRO: Trácia, e tem nome do pai Estrímon.	
HEITOR: Disseste que Reso pôs o pé em Troia?	280

MENSAGEIRO:

Soubeste; da fala outra vez me alivias.

HEITOR:

Por que percorre os prados ante o Ida,
afastado da estrada ampla da planície?

MENSAGEIRO:

Não sei ao certo, mas posso imaginar.

De noite não é fácil conduzir a tropa, 285

ouvindo o chão cheio de mão inimiga.

Apavorou os campônios do monte Ida,

que fundamos o lar enraizado na terra,

ao entrar à noite no carvalho silvestre.

A tropa trácia com estrepitosa fluência 290

marchava. Atônitos levamos o rebanho

para os cimos, para que nenhum argivo

fosse escondido e pilhasse teus redis,

antes de ouvirmos e recebermos voz

não grega e refazeremo-nos do pavor. 295

Fui aos prospectores da comitiva real,

e com pronúncia trácia os interroguei:

“Quem é o condutor? Que nome tem?”

“Vem à urbe de Príamo como aliado?”

Ouvi tudo que era meu desejo saber, 300

parei e vejo Reso, tal qual um Nume,

ereto entre os cavalos e carros trácios.

Cabresto de ouro prendia o subjugado

pescoço de potras mais alvas que neve.

Escudo aos ombros com áureas marcas 305

luzia; Górgona qual na égide da Deusa

brônzea presa às testeiras das éguas

com muitos sinos ressoava o pavor.

Vasta tropa, nem na conta de seixo 310

seria posta, tão intocável era à vista,

muitos cavaleiros, muitos escudeiros,

muitos arqueiros seteiros, muita tropa

de infantaria junto a expedição trácia.

Tal varão se apresenta aliado de Troia,

de quem não escapará o filho de Peleu 315

nem fugindo nem resistindo com armas.

CORO:

Quando Numes bem apóiam cidadãos,

a situação vai em declive para os bens.

HEITOR:

Muitos amigos descubro quando minha
lança tem boa sorte e Zeus é por nós. 320

Mas não precisamos dos que outrora
não tomaram parte quando Ares forte
rompeu velas desta terra soprando muito.

Reso mostrou que amigo era de Troia.
Veio à ceia, não presente ao cercarem 325
os caçadores a caça, nem participante.

CORO:

Certo desprezas e vituperas os nossos.
Mas aceita os voluntários úteis à urbe!

HEITOR:

Bastam antigos salvadores de Troia.

CORO:

Confias já ter destruído os inimigos? 330

HEITOR:

Confio; luz de Deus mostrará ao vir.

CORO:

Vê o porvir! Deus faz muitas viradas.

HEITOR:

Odeio o socorro serôdio aos amigos. 333

Já que veio, esteja, não sendo aliado,
mas sendo hóspede à hóspede mesa. 336

Ele perdeu a gratidão dos Priâmidas. 338

CORO:

Ó senhor, repelir aliados é negativo. 334

MENSAGEIRO:

Só a sua visão apavoraria inimigos. 335

HEITOR:

Tu bem advertes e a tempo tu vês. 339

Tão aurífero quão diz o mensageiro,
apresente-se Reso aliado desta terra! 340

[SEGUNDO ESTÁSIMO (342-387)]

CORO:

Adrasteia, a filha de Zeus, EST. 1
afaste a inveja das bocas,

pois direi quanto me é caro
ao fôlego dizer. 345

Vens, ó filho do flúmen,
vens, bem-vindo ao âmbito

de Amigo, porque a tempo
te encaminham mãe Piéride
e o rio Estrímon de belas 350

pontes, o qual, no intacto ANT. 1
ventre da melodiosa Musa,
rodopioso, visível na água,
plantou a tua juventude.
Tu para mim Zeus luzente 355
vens guiando éguas velozes.
Agora, ó pátria, ó Frígia,
agora com Deus podes
dizê-lo Zeus libertário.

Ah! Troia antiga outra vez EST. 2
passará o dia inteiro 361
em ébrios tíasos de amores,
com acordes e destas porfias
de copos, erradias de vinho,
se por mar os Atridas 365
para Esparta partirem
da praia de Ílion?
Ó amigo, possas valer-me
com tua mão e tua lança
antes de voltar para casa!

Vem! Surge! Antepõe áureo ANT. 2
escudo ao olhar do Pelida, 371
transporta oblíquo escudo
por bífida borda, açulando potras
e vibrando dardo bifronte!
Ninguém, se resistir a ti, 375
dançará no solo
da argiva Hera,
mas esta terra conterà
fardo caríssimo extinto
por morte trácia.

[TERCEIRO EPISÓDIO (388-526)]

CORO:

Iò iò! 380

Ó grande rei! Ó Trácia, belo
criaste o filho, régia visão!

Vê aurífero abrigo do corpo,
ouve ainda sonoros alardes
de sinos em alças de escudos!

Deus, ó Troia, Deus Ares este 385

potro de Estrímon e da cantora
Musa recém-chegado te inspira!

RESO:

Salve, Heitor rei desta terra bom
de bom pai, em dia antigo te saúdo!

Aprazem-me tua boa sorte e cerco 390

a torres inimigas, eis-me presente
para destruí-las e incendiar navios!

HEITOR:

Ó filho da melodiosa mãe Musa
e rio trácio Estrímon, amo dizer
sempre a verdade, dois não sou. 395

Antes, antes convinha vir e lutar
por esta terra, e por ti não deixar
Troia cair sob hostil lança argiva.

Não que sem convite não vieste
nem defendeste nem foste amigo. 400

Que arauto e conselho frígio a ti
não te exortou a defender a urbe?

Que dado adorno não enviamos?

Tu, nativo e bárbaro, por tua vez,
nos entregaste bárbaros a gregos. 405

Com esta mão, porém, de pequeno
eu te fiz o grande rei dos trácios,
quando entre Pangeu e peônios

em ataque frontal com exímios trácios
rompi escudo, escravizei e te ofereci 410

o povo, cuja grande graça escoiceias
com socorro tardio a amigos sofridos.

Eles, não sendo nossos parentes natos,
estavam presentes; uns jazem caídos
em fúnebres tumbas, garantia da urbe; 415

outros, armados e nos carros equinos, resolutos resistem ao regelante vento e ao seco fogo de Deus – não deitados consumindo taças opíparas, como tu.	420
Para saberes que Heitor é livre, faço esta invectiva e digo-te defronte a ti.	
RESO:	
Tal eu mesmo sou, cortando via reta nas palavras, e não sou dois varões. Mais que a ti, acabrunhava-me dor no fígado por estar longe desta terra!	425
Mas terra vizinha minha, o povo cita fez-me guerra, quando ia para Ílion e alcancei a praia do inóspito Mar, para a transferência da tropa trácia.	430
Nessa terra se verteu cruel libação cita com lança e mista morte trácia. Tal infortúnio me impediu acudir à terra troiana e vir qual teu aliado.	435
Quando venci, fiz reféns seus filhos, impus que me paguem tributo anual e vim de navio sobre a boca do Mar e percorri a pé outros lindes da terra – não qual dizes com opíparas taças, nem repousando em áureo palácio, mas sei que sopros glaciais oprimem mar trácio e peônios, por suportar sem dormir, com estas vestimentas.	440
Mas vim tarde, contudo oportuno: tu já por dez anos desferes lança e nada consegues; e dia após dia, jogas dados de Ares com argivos.	445
Um só clarão do Sol me bastará para destruir torres, atacar navios e matar aqueus; de Troia depois irei para casa, sanados teus males.	450
Nenhum de vós empunhe escudo, contarei os alardeados lanceiros, pilhando aqueus, ainda que tardo.	
CORO:	
<i>Iò iò!</i>	
Com falas amigas, amigo vens de Zeus.	455

Queira o sumo Zeus só fechar tuas falas
 à incombatiável negativa!
 O lenho naval de Argos
 nunca antes, nem agora,
 trouxe alguém melhor que tu. 460
 Como Aquiles poderia resistir
 à tua lança? E Ajax, como?
 Pudesse eu ver o dia, ó rei,
 quando cobrasses com lança 465
 multa a braço que matou muitos!
 RESO:
 Por minha longa ausência, tais atos
 te oferecerei, e com Adrasteia digo.
 Quando livre de inimigos esta urbe
 e escolheres primícias aos Deuses, 470
 quero contigo atacar a terra argiva
 e destruir toda a Grécia com lança,
 para que saibam por vez ter males.
 HEITOR:
 Se livre do presente mal tivesse
 eu a urbe firme tal qual outrora, 475
 daria aos Deuses máxima graça.
 Não é tão fácil qual dizes pilhar
 com lança terras argivas e gregas.
 RESO:
 Não se diz que veio a elite grega?
 HEITOR:
 Não reprovamos, saciados deles. 480
 RESO:
 Se os matamos, não temos tudo?
 HEITOR:
 Não mires longe, omisso perto.
 RESO:
 Sofrer te parece forte, e agir, não.
 HEITOR:
 Forte sou o grande rei até agora.
 Mas na ala esquerda ou na destra, 485
 ou no meio dos aliados, tu podes
 depor o escudo e acampar a tropa.
 RESO:
 Heitor, só quero combater inimigos.
 Se crês feio não atear fogo às popas

dos navios, após lutes muito tempo, põe-me diante de Aquiles e da tropa.	490
HEITOR:	
Não se lhe opõe a impetuosa lança.	
RESO:	
Sim, diziam que navegou para Ílion.	
HEITOR:	
Navegou e está presente, mas irado com os chefes, não compõe na luta.	495
RESO:	
Quem depois dele brilha na tropa?	
HEITOR:	
Em nada me parece inferior Ájax, o filho de Tideu, e o muito astuto impostor Odisseu, bastante audaz, muitas vezes ultrajante a esta terra.	500
Ele foi à noite ao templo de Atena, furtou e levou ícone às naus aqueias. Ora mendigo com vestes de pedinte entrou na torre, muitos males rogava aos argivos emissário espião em Ílion,	505
e tendo matado vigilantes e porteiros, saiu. Sempre se descobre emboscado junto ao altar timbreu perto da urbe sentado, e lutamos contra mal tenaz.	
RESO:	
Nenhum varão valente se digna matar inimigo às ocultas, mas frente a frente.	510
Esse que dizes sentar-se assim furtivo e planejar males, se eu capturar vivo, empalo o dorso nas saídas das portas e ofereço banquete aos alados abutres.	515
Por ser ladrão e por pilhar os templos dos Deuses, deve morrer dessa morte.	
HEITOR:	
Agora, acampa-te, ainda é noite. Eu te mostrarei o lugar, onde tua tropa deve pernoitar fora das filas.	520
Temos senha: “Febo”, se precisares. Ouve e lembra, e diz à tropa trácia! Vós deveis ficar diante das fileiras, vigiar despertos e receber o espião	

dos navios Dólón, porque se salvo
já se aproxima do bivaque troiano. 525

[TERCEIRO ESTÁSIMO (527-564)]

CORO:

De quem é a guarda? Quem tem o turno? EST.

Primeiros sinais se põem e sete viajantes
Pléiades brilham. 530

A Águia no meio do céu paira.
Desperta! Por que tardais? Sai
vós do leito para a guarda!
Não vedes a lua brilhar?
Aurora, aí perto, Aurora 535
vem, e este astro é um precursor.

– Quem convocado primeira guarda?
– Corebo, dizem, o filho de Mígdon.
– Quem, depois dele? – Um Péon 540
despertou os cílices; os mísios, a nós.

– Não é hora de despertar
os lícios para quinta guarda
segundo a sorte do sorteio? 545

Ouço, no Simoente no sangrento ANT.

ninho o rouxinol filicida hincia
com voz multícorde
a melodiosa aflição. 550

Os rebanhos ora no Ida
pastam, ouço noturna
voz estrídula da flauta.
Sono enfeitiça o lugar da vista,
doce veio aos olhos antes de Aurora. 555

– Por que não vem o espião
que Heitor fez espião das naus?
– Receio, é longa ausência.
– Será que caiu em cilada furtiva 560
e sucumbiu? Talvez. Seria terrível!

– Clamo que despertemos
os lícios para quinta guarda
segundo a sorte do sorteio!

[QUARTO EPISÓDIO (565-692)]

- ODISSEU:
Diomedes, não ouves som de armas? 565
Ou ruído vão goteja em meu ouvido?
- DIOMEDES:
Não. As correias de potros fazem soar
o ferro das bordas, e antes de perceber
rangido de correias, até me veio pavor.
- ODISSEU:
Vê não encontres guardas nas trevas! 570
- DIOMEDES:
Estarei em guarda com o pé nas trevas.
- ODISSEU:
Se encontras, sabes a senha da tropa?
- DIOMEDES:
Febo, sei a senha que ouvi de Dólón.
- ODISSEU:
Éa!
Vejo estar vazio este leito do inimigo.
- DIOMEDES:
Sim, Dólón disse que este era o leito 575
de Heitor, para quem puxei esta faca.
- ODISSEU:
O que haveria? A tropa foi algures?
- DIOMEDES:
Talvez para fazer tramoia contra nós.
- ODISSEU:
Audaz Heitor, agora que pode, audaz..
- DIOMEDES:
Odisseu, que fazermos? Não achamos 580
o varão no leito, erramos na esperança.
- ODISSEU:
Vamos o mais rápido perto do porto.
Salva-o algum dos Deuses que o fez
ter boa sorte. Não forcemos a sorte!
- DIOMEDES:
A Eneias, pois, ou ao pior dos frígios, 585
Páris, devemos ir degolar com a faca?
- ODISSEU:
Como, nas trevas, na tropa inimiga,
poderás buscando matá-los incólume?
- DIOMEDES:

Eu matarei, tu dominarás as potras. És esperto, sutil, perspicaz e hábil. Convém estar onde mais útil seria.	625
ATENA:	
Vejo Alexandre em nossa direção vir já informado por algum guarda de vago rumor de inimigos vindos.	
DIOMEDES:	
Ele caminha a sós ou com outros?	630
ATENA:	
Parece que a sós ao leito de Heitor vai relatar que há espiões na tropa.	
DIOMEDES:	
Não deve ser o primeiro a morrer?	
ATENA:	
Não poderias mais que a sorte dada. Não se põe ele morrer sob teu braço.	635
Mas aonde vais com matanças fatais apressa-te! Parecendo-lhe sua aliada Cípris assisti-lo auxiliar nas fadigas, trocarei falas falsas com o inimigo.	
Assim disse, mas quem deve sofrer não soube nem ouviu, perto da fala.	640
ALEXANDRE:	
Digo-te a ti, o chefe da tropa e irmão, Heitor, dormes? Não deves despertar? Inimigos se nos aproximam da tropa, ou seriam ladrões, ou talvez espiões.	645
ATENA:	
Não temas! Cípris benévola te guardo, importa-me tua guerra, não descuro da honra, aprovo que me trates bem. Agora à tropa troiana de boa sorte venho te conduzindo grande amigo	650
filho trácio da Deusa que faz hinos Musa, e tem nome do pai Estrímon.	
ALEXANDRE:	
Sempre por sorte és benévola à urbe e a mim! O tesouro máximo da vida digo que teu juiz ofereci a esta urbe. Venho sem ouvir claro, mas rumor entre os guardas houve de que vieram	655

espiões aqueus. Um diz sem ter visto, outro não pode dizer se os viu virem, eis por que vim eu ao leito de Heitor.	660
ATENA:	
Não te apavores, nada novo na tropa, Heitor foi dar descanso à tropa trácia.	
ALEXANDRE:	
Persuades-me, confiante em tua fala irei à guarda do posto livre de pavor.	
ATENA:	
Vai! Pensa que cuido de todos os teus de modo a ver a boa sorte dos aliados meus. Tu ainda conhecerás meu zelo. E vós ambos que sois muito robustos, ó filho de Laertes, traz facas afiadas!	665
Jaz o nosso trácio condutor de tropa, temos as potras, e os inimigos cientes correm contra nós. Tão rápido podeis deveis fugir ao porto dos navios. Ante iminente ataque inimigo, salvai a vida!	670
CORO:	
<i>Éa! Éa!</i>	675
Bate! Bate! Bate! Fere! Fere! Fere!	
Quem é o varão?	
Vede! Digo este!	677
Vinde! Vinde todos!	680
Tenho-os! Agarrei-os,	681
ladrões que nas trevas triscam a tropa.	678-9
Qual tua tropa? Donde vens? Quem és?	682
ODISSEU:	
Não deves saber.	
CORO:	
Malfeitor morrerás hoje!	
Diz a senha antes que a lança te transpasse!	
ODISSEU:	
Pára! Não temas!	
CORO:	
Vinde todos! Batei!	685
Tu mataste Reso?	
ODISSEU:	
Não! Mas matarás tu!	
Prendei-o todos!	

armado de faca
 oculta nas roupas,
 servil mendigo pedindo víveres ia 715
 com cabeça esquelada e imunda
 e muitos males
 rogava à família real dos Atridas
 por ódio aos condutores de tropa.
 Fosse, fosse morto com toda justiça 720
 antes de calcar o pé em terra frígia!

– Por Odisseu ou não, pavor me toma,
 Heitor nos reprovará a nossa guarda.
 – Por que razão? – Intolerante...
 – Que fazer? Que temor tens tu? 725
 – Que nos transpassem... – Quem?
 – Quem esta noite veio à tropa frígia.

[ÊXODO (729-996)]

COCHEIRO:

Iô! Iô!

Sorte dura de Nume! *Pheô! Pheô!*

CORO:

Éa! Éa!

Todos quietos! Talvez se vá à rede! 730

COCHEIRO:

Iô! Iô!

Vida dura de trácio!

CORO:

Aliado geme!

COCHEIRO:

Iô! Iô!

Miseros eu e tu, rei trácio!

Que hedionda Troia viste!

Que fim de vida te matou! 735

CORO:

Que aliado és tu? A noite apaga
 a vista e não te reconheço claro.

COCHEIRO:

Onde encontro um rei troiano?

Onde agora Heitor

dorme deitado sob o escudo? 740

A que condutor de tropa digo

No sono uma opinião me ocorreu: as potras que criei e atrelei ao carro vi ao lado de Reso como em sonho dois lobos montarem no dorso firme e batendo cauda no nariz das potras	780
impeliam, elas sopravam das narinas respirando furor e eriçadas de pavor. Eu me acordei ao defender as potras das feras, na noite movia-se o pavor. Ergui a cabeça, ouvi suspiro de mortos.	785
O cálido jato de sangue de imolação do soberano em morte má me atinge, salto de pé com a mão vazia de lança e quando encontrei e alcancei a arma golpeia-me de perto na baixa costela varão vigoroso com faca. Senti lâmina golpear com o fundo sulco da lesão.	790
Caio para frente e pegaram o carro das potras e puseram o pé em fuga. Á! Á!	795
Dor me vara, não me ergo mais, mísero! Sei que vejo infortúnio mas não posso dizer por que os mortos estão mortos, nem por quais mãos. Posso imaginar que de amigos sofremos esta miséria.	800
CORO: Ó auriga do trácio em má situação, não suspeites! Inimigos fizeram isso. Heitor mesmo, ciente do infortúnio, vem e sofre, parece, com teus males.	805
HEITOR: Como, ó autores dos maiores males, espiões inimigos sem que notásseis vieram vilmente e atacaram a tropa, e não os repelistes ao entrarem nem ao saírem do bivaque? Quem pagará por isso senão tu, vigilante da tropa? Foram ilesos rindo muito da moleza dos frígios e de mim, chefe da tropa.	810
Isto bem sabe, Zeus Pai está jurado, ou açoite ou morte por decapitação espera-te por agires assim! Ou julgai	815

que Heitor é covarde e não vale nada!

CORO:

I! I!

EST.

Ó grande, ó grande poder da urbe,
vieram então quando te reportei

821

o fogo aceso perto dos navios,

pois com olhos insones à noite

nem descansei, nem adormeci,

825

não, oh fontes do Simoente!

Não te irrites comigo, ó rei,

pois sou inocente de tudo!

Se a tempo vires ato ou dito

inoportuno, envia-me vivo

830

sob a terra! Não intercedo.

COCHEIRO:

Por que os ameaças bárbaro e de bárbaro
subtraís meu saber ao urdires as palavras?

835

Tu és o autor disso, nem os mortos nem

os feridos nunca admitiríamos um outro.

Tu necessitas de longa e hábil fala, com

que me persuadir que não mataste amigos

apaixonado por potras pelas quais matas

teus aliados, insistindo em que viessem.

840

Vieram, morreram. Páris mais decente

aviltou hóspede que tu matando aliados.

Não digas algo como veio algum argivo

e destruiu-nos. Quem através das tropas

troianas viria até nós despercebidamente?

845

Antes de nós acampaste tu e tropa frígia.

Que ferido, que morto há entre os aliados

teus se vieram os inimigos que tu dizes?

Nós estamos feridos, outros com maiores

males não estão mais vendo a luz do sol.

850

Simplex, não acusamos nenhum aqueu.

Que inimigo, vindo à noite, descobriria

o catre de Reso, se nenhum dos Deuses

indicasse aos matadores? Nem souberam

que chegara, mas isso aí são artimanhas.

855

HEITOR:

Já temos tido aliados há tanto tempo

quanto o povo aqueu está nesta terra, deles não sei ouvir nada fora do tom; contigo começaríamos. Não me pegue tal amor por potras que mate amigos!	860
Isso Odisseu o fez. Que outro argivo alguma vez assim agiria ou tramaria? Temo-o e algo me aflige o coração, não se dê que encontre e mate Dólon! Faz tempo que se foi e não aparece.	865
COCHEIRO:	
Não sei desses teus Odisseus que dizes. Nós não fomos golpeados por inimigos.	
HEITOR:	
Assim pensa tu, então, se te parece!	
COCHEIRO:	
Ó terra pátria, como morreria em ti?	
HEITOR:	
Não morras, basta a turba de mortos!	870
COCHEIRO:	
Aonde me voltar sozinho sem o rei?	
HEITOR:	
A minha casa te dará abrigo e cura.	
COCHEIRO:	
Como cuidarão de mim mãos cruéis?	
HEITOR:	
Não cessará de dizer a mesma fala?	
COCHEIRO:	
Morra quem fez! Não te toca a língua, como alardeias, mas Justiça conhece.	875
HEITOR:	
Tomai-o e conduzindo à minha casa cuidai dele de modo que não reclame! Vós deveis ir e dizer aos das muralhas, a Príamo e aos anciãos, que sepultem os mortos ante saídas de vias públicas.	880
CORO:	
Por que da grande boa sorte outro Nume reduz outra vez Troia a dores? Que planta? <i>Éa! Éa!</i>	885
Que Deus acima das cabeças,	

ó rei, transporta nos braços
o recente morto?
Temo ver a dor.

MUSA:

Troianos, podeis ver a que tem honras
entre os sábios, uma das irmãs Musas
sou eu com este meu filho pranteável
morto por inimigos. Doloso Odisseu
o matou e dará a tempo digna justiça. 890

Com genuína nênia, EST.
ó filho, te pranteio, 896
ó dor de mãe!
Que viagem fizeste a Troia,
tão mísera e de mau Numel!
Foste, dizendo eu que não, 900
e o pai com violenta súplica.
Ómoi por ti, ó querido
querido filho meu! Ómoi!

CORO:

Com dor quanto convém não
consanguínea pranteio teu filho. 905

MUSA:

Morra o neto de Eneu! ANT.
Morra o filho de Laertes!
Ele me fez sem o filho
meu nato de nobre pai.
Helena desertora de casa 910
a leitos frígios veio de navio
sob Ílion, por Troia te matou,
ó caríssimo, e de bravos
fez ermas dez mil urbes.
Tanto vivo quanto em casa de Hades 915
tocaste meu espírito, ó filho de Filámon!
Transgressão, erro teu, e Rixa de Musas
fizeram-me gerar este periclitado filho.
Ao atravessar as correntezas do rio,
cheguei ao leito fecundo de Estrímon, 920

ao irmos ao monte aurífero da terra Pangeu, exercitadas nos instrumentos, Musas, na maior das rixas de melodia, com o ínclito sofista trácio, e cegamos Tâmiris, que muito nos ultrajou a arte.	925
Ao te parir, por pudor das irmãs e da Virgindade, lancei-te aos vórtices do pai aquífero e Estrímon não te deu de criar a mãos mortais mas a moças fontais. Quando bem criado por essas virgens, foste o primeiro rei da Trácia, ó filho. Quando armavas tropas sanguinárias na pátria, eu não temia a tua morte, mas eu dizia que não fosses a Troia, ciente de tua sorte. Mas embaixadas e dez mil delegações de Heitor a ti persuadiram-te a ir e auxiliar amigos. Ó Atena, és toda causa desta morte! Nem Odisseu nem o filho de Tideu não o fez. Não creias oculto teu ato!	930
Nós Musas irmãs, porém, veneramos tua urbe e somos assíduas na terra. Nos mistérios secretos mostrou tochas Orfeu, primo-irmão deste morto que tu mataste. Museu teu venerável concidadão varão exímio instruímos nós, Febo e estas irmãs. Tendo em paga o filho nos braços, pranteio, não farei vir outro sofista.	935
	940
	945
CORO: O auriga trácio em vão nos imputa que lhe tramamos a morte, Heitor!	950
HEITOR: Sabia-o, vate não precisava dizer que morreu por artes de Odisseu. Ao ver tropa grega pisar na terra, por que não devia enviar arautos a amigos para socorrerem o solo? Enviei. Por dever veio-me à luta. Sua morte não me compraz nunca.	955

Agora estou pronto para sepultá-lo e queimar-lhe dez mil finas vestes. O amigo ao vir se vai por má sorte.	960
MUSA:	
Não irá ao sombrio chão da terra, tanto reclamarei à noiva infernal, filha da frutífera Deusa Deméter, que restituía sua vida. Ela me deve mostrar que honra amigos de Orfeu.	965
Para mim qual morto e sem ver luz ele será doravante. Ao mesmo lugar não mais irá, nem poderá ver a mãe. Oculto em gruta de argéntifera terra humano Nume jazerá olhando a luz, profeta de Baco, que reside na pedra em Pangeu, Deus venerado por sábios.	970
O luto da Deusa marinha mais fácil suportarei, o filho dela deve morrer.	975
Irmãos em pranto primeiro te hinearemos, depois num dia de luto Aquiles de Tétis. Palas, que te matou, não o defenderá, tal flecha lhe reserva a aljava de Lóxias. Ó situação de pais, fainas de mortais, quem não mal vos pondere sem filho será e não gerará nem sepultará filho!	980
CORO:	
Seus funerais já são cuidados da mãe. Se tu queres fazer algo pelos mortos, é possível, Heitor, isto é a luz do dia.	985
HEITOR:	
Ide, dizei aos aliados que se armem rápido e atrelem o jugo das parelhas. Com tochas devem esperar clamor de salpinge tirreno. Confio transpor o fosso e muros aqueus, incendiar navios, e a claridade vinda do sol trazer a troianos o dia da liberdade.	990
CORO:	

Obedece ao rei! Marchemos armados
equipados e assim instruamos aliados!
Que nos conceda vitória
o Nume que é conosco!

995